FŒPPEL (1)

A provincia de qualquer paiz, por maior que seja, tem naturalmente vida menos intensa do que a capital, por menor que seja.

Uma se nutre, a outra se congestiona. Nas grandes crises, a primeira padece apenas de retardamento nutritivo. A segunda fica exposta ás apoplexias e portanto ás hemiplegias sociaes.

Na capital os acontecimentos egocentricos se pulverisam com facilidade, em horas e em dias. Na provincia onde, máo grado hoje o telegrapho, os eventos de caracter geral chegam attenuados, os acontecimentos locaes hão de ser vivazes.

Para quantos não querem lutas miudas, a provincia distrae menos do que a capital. Offerece ensejo de melhor semear na intelligencia arando na idéa. Dá azo a ser o calmo e methodico ermitão de sua bibliotheca, do seu gabinete, o espirito custode de seus livros.

No remanso se estalagmisam erudições assombrosas, como a de Aureliano Pimentel, encontrado pelo nosso ultimo Imperador numa cidade Mineira Convidou-o para vir morar no Rio. O sabio, pois o era, annuio, mudou-se, concorreu a uma cadeira do Collegio Pedro II, foi reitor deste. Depois de ter illustrado no magisterio, tornou de vez á nativa Minas. Ahi morreu como vivera, estudando.

Os operarios intellectuaes da provincia não raro se sentem demasiado sós, sobretudo os celibatarios. Nunca esqueci o dito de uma das maiores mentalidades portuguezas habitante do retiro.

---

(1) O Dr. Guilherme C. Fœppel fazia parte do Instituto do Ceará, tendo sido proclamado em sessão de 9 de Março de 1907.

O escriptor, solteiro, hospede de uma pensão, onde o carinho parecia ser parcella da conta do fim do mez, lamentava não haver constituido familia, o lar tranquillo onde a velhice se acolchoasse um pouco. Para consolal-o, pintei-lhe as incertezas do casamento, as angustias de um estado civil tantas vezes incivil. «E os seus livros, os seus amigos fieis? Não lhe bastam para consolal-o?» O artista reflectio um pouco e respondeu com suspiro:

«Sim, não ha duvida, amigos fieis, mas tão frios...»

Com certeza o Dr Fœppel, recem fallecido na Bahia, provou a nostalgia dos grandes tumultos humanos. Escreveu a um confrade: «não sei como lhe agradeça tanta gentileza. Com sincero agradecimento li suas linhas. Nunca pensei tivesse, ahi, no Rio, conhecimento da obscura vida de um humilde provinciano esquecido.

Por que negal-o? no Brasil sómente sabemos do que se passa no Rio, para onde se voltam as vistas de todos, nacionaes e extrangeiros. E' assim e assim seja. Aqui vamos trabalhando sempre e fazemos o que podemos, mas com a certeza prévia de que tudo morrerá entre paredes. Ahi, no Rio, tirante a imprensa de S. Paulo, não se lê jornaes dos Estados, e por aqui nunca vemos referencia a nada do que aqui espiritualmente se faz. Veja, pois, quanta sorpreza não causou vendo V. levantar uma dobra de cortina da minha vida. Imagine quanto não avultou ao meu espirito como um brasileiro raro».

O Dr. Guilherme da Conceição Fœppel, que assim exprimia tantos estados d'alma, acaba de fallecer na sua terra, recebendo-o á beira do tumulo homenagens de apreço e de respeito, sobretudo da mocidade que instruira, e com a qual, por muitos annos, em muitos lugares, e por muitos meios repartio os recursos do saber.

Alumno do Lyceu de Artes e Officios da Bahia, ideado, fundado e defendido pelo Dr. Antonio Alvaro da Silva, pelo Desembargador Freitas Henriques, por João da Silva Romão e por outros benemeritos, Guilherme Fœppel foi discipulo aproveitado do estabelecimento. Pintou com frequencia cousas diversas, mulheres em trajo archaico, flôres e fructas, marinhas, como o pharol da Barra,

paizagens como a arcada da Ordem Terceira de S. Francisco ou o largo do Barbalho.

Depois desertou da arte. Tornou-se advogado e professor, docente de uma Faculdade de Direito, ensinando, porém, desenho em duas casas de instrucção. De outra margem de aspirações atirava assim uma especie de saudade ao porto dos seus antigos sonhos.

Trabalhou, trabalhou em diversas searas com afinco Regressava secretamente á pintura, com as ternuras de um desses primeiros amores que os outros podem supplantar, mas não remover, estatua cahida deixando no solo indestructivel pedestal de granito.

De vez em quando fugia do seu *home* da rua de S. Francisco para a ilha de Itaparica, para o Mar Grande, sitio da Ilhota, onde repousava horas a fio, banhando-se de ar, scismando, sob o mangueiral, ás douraduras do sol, ou debaixo dos coqueiros de palmas sujeitas a todos os toques do vento.

Chamava o sitio de «sua Thebaida». Ahi demorava na casinha da roça, baixa, socada, de poucas portas, como se o perigo dest'arte ameaçasse menos o interior, de janellas quasi ao rez do chão, com pesadas vidraças de suspender e de abaixar. Ao redor as mangueiras perfumavam a atmosphera á terebentina. Os coqueiros de troncos finos e de cabeça copada evocavam vagamente o malhado pescoço sem fim das girafas.

Em Abril de 1913, Fœppel confessava a um seu correspondente: «pintei no Mar Grande quinze quadros, entre grandes e pequenos. Como vê, ainda não reneguei os pinceis. Farei remessa de um quando tiver um portador, se eu mesmo não o fôr».

Além da pintura, sabia-lhe a paixão pelo vernaculo. Bebera-a nas licções do Dr. Carneiro Ribeiro, devassante insigne dos mais mysteriosos segredos da lingua portugueza e, pelo saber diuturno, mestre dos mestres.

«Hoje os autos estragaram tudo», dizia Fœppel, com modestia, mas ainda sei apreciar o que é bom, e sinto um calefrio delicioso quando leio a boa e artistica prósa de quem sabe manejar o vernaculo».

Compulsados os modernos escriptores, volvia com pressa e constancia saborida aos autores antigos, aos classicos que pódem ser lidos por tantos e são amados por tão-poucos. O discipulo do Dr. Ribeiro Carneiro, a exemplo do mestre, havia de estimar por força o geito de dizer de Camões, de Bernardino Ribeiro, de Rodrigues Lobo. Onde uma onomatopéa mais linda do que esta das eglogas camoneanas: «as roucas rans soavam»? Onde uma jura de amor mais meiga do que a de Lobo: «o meu coração aprendeu dos teus olhos a ser teimoso»? Onde a pintura mais perfeita de uns olhos do que esta de Bernardino Ribeiro: «os olhos se estavam docemente á sombra daquellas sombrancelhas».

Era tambem o Dr. Fœppel aperfeiçoado ás cousas da historia patria, resumo collectivo dos esforços das gerações e dos individuos. Sabia o valor e a importancia da tradição; sabia que quantos existem devem quasi tudo aos preteritos.

Era dos que amam as pedras da cidade natal Comprehendia o presente apenas como o passado modificado. Sentia saudades dos antanhos superpostos, removidos pelo progresso, nem sempre bello, nem sempre util

«A velha Bahia, escreveu, passará a ser um canto da Italia, de S. Paulo ou do Rio, sem cunho proprio para conteúdo de «touristes...»

Quando ia abaixo algum monumento historico de sumpto relevo no tempo; senão em architectura, photographava-o, acompanhava-lhe a demolição, piedosamente Carteava-se com os amigos sobre o assumpto, dizendo-lhes as suas recordações. Era como se tratasse de um ente querido cuja enfermidade mortal progredisse de dia para dia.

A igreja da Ajuda, por exemplo, demolida para remodelação da capital bahiana, mereceu-lhe detidos estudos antes do desapparecimento, estudos publicados no «Jornal de Noticias». Hão de ficar para a historia do Brasil, conceitos fidedignos de testemunha de vista. Capellas, pavimentos, portas, janellas, nichos, azulejos, sinos,

frontespicio, telhado, nada escapou ao zelo arguto do investigador amoroso.

Essa igreja da Ajuda, para elle, representava a memoria indelevel de gloria solar do Brasil. No templo humilde se erguera, no combate da palavra e na victoria da forma, a voz immortal do padre Antonio Vieira. Ahi, em 1640, segundo concluio Fœppel, o padre, pontifice da eloquencia, proferio a celebre oração do *Exurge quare ob dormis,* nas preces publicas feitas contra as armas hollandezas vencedoras em Pernambuco.

Sermão original, como poucos tem supportado a cadeira sagrada. O prégador accusava. Quem? Deus! E por que? Por ter desamparado os catholicos portuguezes para proteger os herejes da Hollanda Na peroração allegou que Deus havia de ter bom pago da sua ingratidão e complacencia e que a Hollanda mostraria como lhe daria adoração e culto. A oração foi venusta e brilhante. Os ouvintes se espalharam pela cidade convencidos que as soluções do caso eram morrer e vencer, sendo mister pelejar contra o Flamengo até a ultima gotta de sangue.

Por isso, com respeitos filiaes, o Dr, Guilherme Fœppel, se approximou dos restos do antigo pulpito de Antonio Vieira. Com extremos de piedade delle tirou fragmentos das traves de putumujú, embutidas na parede

«Adeus!», disse ao terminar suas pesquizas na igreja da Ajuda. A palavra de remate explica as sympathias do escriptor pelo passado.

Agora, por sua vez, elle desappareceu, recolhido ao cemiterio bahiano da Quinta dos Lazaros, no despontar da primavera, que, entre nós, é apenas reforço de seivas e não, como na Europa, a resurreição da natureza, caiada de neve pelo inverno, o rigido architecto dos *icebergs* e das geleiras.

(Do *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro).